

SEÇÃO IV

Setor Externo

Sumário

Os dados positivos do setor externo ajudam a manter a estabilidade da economia brasileira diante de um cenário interno de incertezas. O saldo comercial atingiu níveis elevados que ajudaram a reduzir o déficit em transações correntes para patamares bem confortáveis.

O comércio exterior brasileiro parece dar sinais de arrefecimento nos meses recentes, após um período de recuperação tanto das exportações quanto das importações. Pelo critério das médias diárias dessazonalizadas, as exportações voltaram a cair em maio, ao mesmo tempo que as importações demonstram tendência de queda nos três últimos meses. Porém, no acumulado do ano, ainda se nota bastante vigor nas exportações, com aumento de 19,6%, impulsionadas pelos básicos, sobretudo, e das importações, que cresceram 9,4% principalmente em razão do forte crescimento dos produtos intermediários.

Após um período de mais de um ano se recuperando, os preços de exportação parecem ter se estabilizado. Como os preços de commodities nos mercados internacionais estão em queda desde fevereiro, é bastante provável que ao menos os preços de básicos e semimanufaturados também caiam nos próximos meses. As quantidades exportadas também tiveram um comportamento ruim em abril, fortemente influenciadas pelos produtos básicos. Contudo, boa parte dessa queda é explicada pela redução das exportações de petróleo, ao passo que o volume exportado de produtos agrícolas e pecuários continua em alta. As quantidades importadas de bens intermediários voltaram a cair em abril pelo terceiro mês consecutivo, constituindo a principal causa da queda do quantum importado total. Mas as demais categorias também vêm apresentando um comportamento oscilante nos últimos meses.

O déficit em Transações Correntes reduziu-se consideravelmente nos meses recentes, caindo de US\$ 7,2 bilhões nos primeiros quatro meses de 2016 para US\$ 3,5 bilhões em igual período deste ano. Esta queda foi provocada exclusivamente pelo aumento do superávit comercial, que passou de US\$ 12,4 bilhões para US\$ 20,6 bilhões, enquanto o saldo da Conta de Serviços passou de US\$ 8,7 bilhões negativos para - US\$ 9,9 bilhões e o resultado da conta de Renda Primária foi de - US\$ 11,9 bilhões para - US\$ 14,8 bilhões, todos no mesmo período. Por outro lado, a captação líquida de recursos (soma de Conta Capital e Conta Financeira) caiu sensivelmente, passando de US\$ 4,9 bilhões nos primeiros quatro meses de

Marcelo José Nonnenberg

Técnico de Planejamento e Pesquisa da
Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

marcelo.nonnenberg@ipea.gov.br

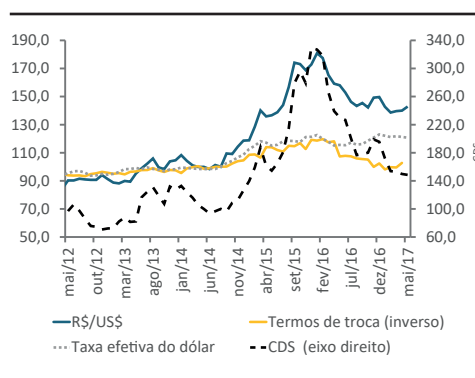
SEÇÃO ELABORADA COM DADOS DIVULGADOS ATÉ O DIA 05/06/2017

2016 para apenas US\$ 1,3 bilhão no mesmo período de 2017. O aumento dos Investimentos Diretos e Em Carteira foi compensado pela redução dos Outros Investimentos e pela variação negativa de Ativos de Reserva (denotando aumento de reservas, da forma como são registrados no balanço de pagamentos).

1 Câmbio e Preços

A taxa de câmbio voltou a se desvalorizar discretamente a partir de março, antes, portanto, do agravamento da crise política. No entanto, com base nos dados mensais, não se constata piora da percepção dos investidores externos, havendo uma pequena redução do grau de risco da economia brasileira em maio, como se observa no Gráfico 1. Apesar de não ser possível observar no Gráfico, é verdade que, entre a primeira e a segunda quinzena de maio, elevou-se em 18% o nível dos CDS - título que é dado em troca de um determinado risco de crédito. É possível que os eventos no campo da política provoquem um aumento da instabilidade cambial nos próximos meses.

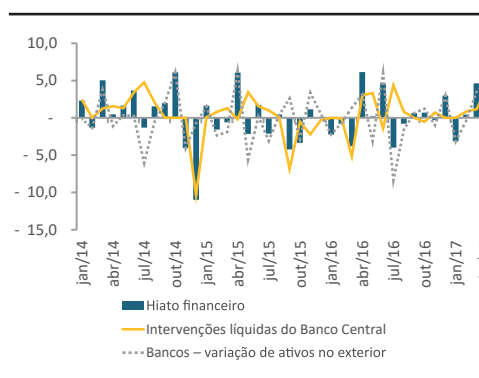
GRÁFICO 1
Taxa de câmbio nominal, spread do CDS, taxa efetiva real do dólar e termos de troca (índices Agosto de 2014=100)



2 Balança Comercial

O saldo da balança comercial em maio atingiu US\$ 7,7 bilhões, o mais alto valor do ano e, no acumulado do ano, US\$ 29,0 bilhões. As exportações alcançaram US\$ 19,8 bilhões, ao mesmo tempo que as importações totalizaram US\$ 12,1 bilhões. No entanto, quando se observam os fluxos com base no critério de médias diárias dessazonalizadas (ver Gráfico 2), é possível perceber que o saldo caiu com relação ao mês anterior, após quatro meses consecutivos de alta, como resultado de uma queda das exportações maior do que a das importações.

GRÁFICO 2
Exportações, importações e saldo comercial: médias diárias dessazonalizadas (Em US\$ milhões)



As exportações no acumulado do ano ainda estão muito acima dos valores observados em igual período do ano passado. Como se pode ver na Tabela 1, as exportações totais cresceram quase 20% no período. E todas as categorias de produtos também tiveram aumentos expressivos, com destaque para os básicos, com aumento de 28,3%. Dentre esses, os maiores aumentos foram no minério de ferro (94,7%) e petróleo (133,4%). Nos demais produtos, destacam-se semimanufaturados de ferro e aço (79,6%) e automóveis (49,5%). Na comparação de maio deste ano com o mesmo mês de 2016, as taxas de variação são um pouco menores, com aumento de 12,7% no total e 16,9% nos básicos.

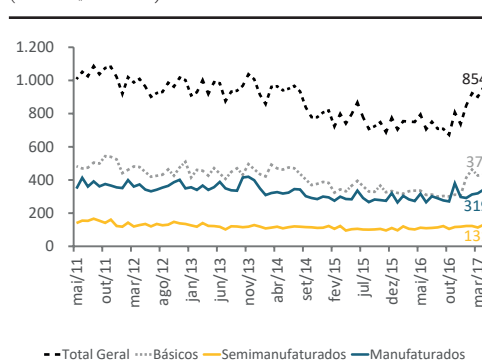
TABELA 1
Exportações por categorias de produtos (2017 e 2016)
(Em US\$ milhões)

	2017		2016		Variação %	
	Janeiro-Maio	Maio	Janeiro-Maio	Maio	Janeiro-Maio	Maio
Básicos	42.867,7	9.703,0	33.413,3	8.298,0	28,3	16,9
Semimanufaturados	12.062,3	2.778,0	10.362,5	2.278,0	16,4	21,9
Manufaturados	30.919,2	6.873,0	28.117,7	6.641,6	10,0	3,5
Op.Espec.	2.082,4	438,0	1.619,3	351,1	28,6	24,8
Total	87.931,5	19.792,0	73.512,8	17.568,7	19,6	12,7

Fonte: Secex/MDIC;
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea

No entanto, na comparação com o mês anterior, com base no critério de médias diárias dessazonalizadas, verifica-se que houve uma queda de 10,8% nas exportações totais, sendo de 12,6% nos básicos e de 6,6% nos manufaturados. Ainda é cedo para se afirmar que essa queda continuará nos próximos meses mas, como se verá logo adiante, a queda dos preços de exportação deve estar influenciando este resultado. De toda forma, os básicos, após alcançar um pico em fevereiro, retrocederam nos três meses seguintes, de acordo com o Gráfico 3.

GRÁFICO 3
Exportações por classes de produtos, médias diárias dessazonalizadas
(Em US\$ milhões)



Fonte: Secex/MDIC,
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea

As importações cresceram 9,4% no acumulado do ano até maio e 8,9% na comparação com o mesmo mês do ano passado, como se verifica na Tabela 2. O crescimento no acumulado do ano foi fortemente influenciado pela variação de 25,1% nos combustíveis e lubrificantes e de 14,1% nos intermediários, principalmente alimentos e bebidas destinados à indústria (25%). Mas chama a atenção a queda de 18,6% nos bens de capital, acompanhando a queda dos investimentos.

TABELA 2

Importações por grandes categorias econômicas (2017 e 2016)

(Em US\$ milhões)

	2017		2016		Variação %	
	Janeiro-Maio	Maio	Janeiro-Maio	Maio	Janeiro-Maio	Maio
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	7.340	1.644	6.899	1.283	6,4	28,1
Bens de consumo duráveis	1.801	457	1.738	386	3,6	18,5
Combustíveis e Lubrificantes	6.582	1.342	5.260	984	25,1	36,4
Bens de Capital	6.010	1.180	7.382	1.420	-18,6	-16,9
Bens Intermediários	37.090	7.498	32.517	7.048	14,1	6,4
Total Geral	58.900	12.131	53.830	11.136	9,4	8,9

Fonte: Secex/MDIC.

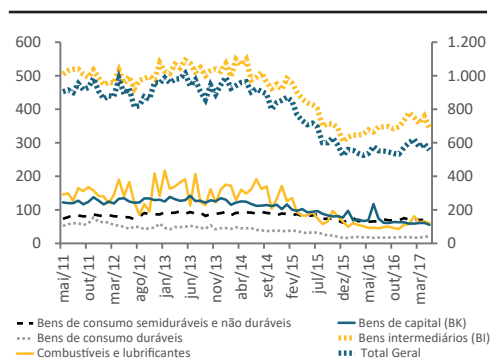
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea.

Mas, da mesma forma que no caso das exportações, na comparação com os meses anteriores, as importações parecem mostrar um quadro de estagnação, como é possível ver no Gráfico 4. Os bens intermediários, que vinham mostrando algum dinamismo no final de 2016, começam a apresentar alguma tendência de desaceleração. As demais categorias também se encontram virtualmente estagnadas, demonstrando que ainda não é possível observar impacto de eventual recuperação da economia sobre as importações.

GRÁFICO 4

Importações por grandes categorias econômicas, médias diárias dessazonalizadas

(Em US\$ milhões)



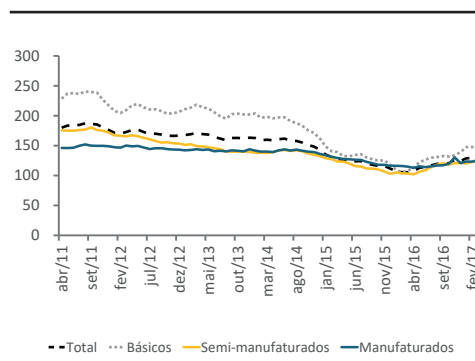
Fonte: Secex/MDIC.

Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5

Índices de preços de exportação, por categoria de produtos

(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)



Fonte: Funcex.

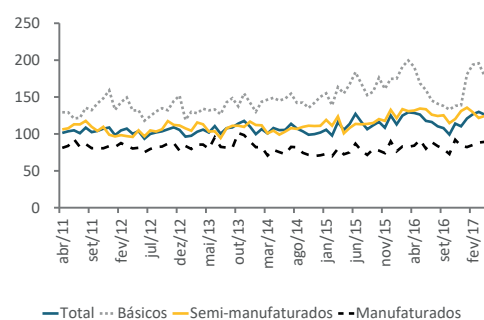
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea.

Após um período de mais de um ano se recuperando, os preços de exportação parecem ter dado uma parada em março e abril. Essa freada se verifica nas três categorias de bens, como se verifica no Gráfico 5. Como os preços de commodities nos mercados internacionais estão em queda desde fevereiro, é bastante provável que ao menos os preços de básicos e semimanufaturados também caiam nos próximos meses. Os preços do minério de ferro, por exemplo, que chegaram a US\$ 88 por tonelada em fevereiro, após um vale de US\$ 40 no final de 2015, despencaram para US\$ 70 em abril.

Os índices de quantum de exportação, que também começavam a apontar para uma forte recuperação, tiveram um comportamento desanimador em abril, devido à queda de 8,8% dos produtos básicos, ao mesmo tempo que os manufaturados

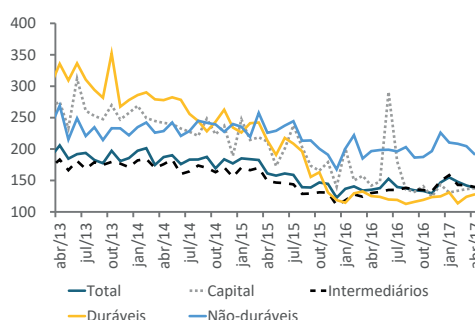
desaceleraram seu crescimento. Mas é preciso destacar que boa parte da queda dos básicos se deveu a uma forte variação negativa das exportações de petróleo, que haviam dado um salto positivo em janeiro _ confirmado em fevereiro _, com relação à média dos meses de 2016 e também de forte queda dos produtos minerais metálicos. Por outro lado, as quantidades exportadas de produtos agrícolas e pecuários _ que constituem a maioria dos produtos básicos _ seguem mantendo trajetória de forte elevação. Dessa forma, fica muito difícil prever a tendência dos próximos meses do quantum exportado.

GRÁFICO 6
Índices de quantum de exportação, por categoria de produtos
(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)



Fonte: Funcex.
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea

GRÁFICO 7
Índices de quantum de importação, por grandes categorias econômicas
(Em índices dessazonalizados, 2006 = 100)



Fonte: Funcex.
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea

As quantidades importadas, que também estavam esboçando um crescimento até o final do ano passado, voltaram a decepcionar nos últimos meses até abril. Os bens intermediários, que constituem a principal categoria econômica, caíram pelo terceiro mês consecutivo, o mesmo acontecendo com os bens de consumo duráveis. Dessa forma, as quantidades totais também apresentaram variação negativa nesse período. Os bens de capital, por sua vez, apresentam um comportamento oscilante, mas com um discreto crescimento nos últimos três meses. Esse cenário parece consistente com a fraca recuperação experimentada pela economia nacional.

3 Balanço de Pagamentos

O déficit em transações correntes reduziu-se consideravelmente nos meses recentes, caindo de US\$ 7,2 bilhões nos primeiros 4 meses de 2016 para US\$ 3,5 bilhões em igual período deste ano, uma queda de US\$ 3,7 bilhões, segundo a Tabela 3. Esta queda foi provocada exclusivamente pelo aumento do superávit comercial, que passou de US\$ 12,4 bilhões para US\$ 20,6 bilhões, enquanto o saldo da conta de serviços passou de - US\$ 8,7 bilhões para - US\$ 9,9 bilhões e o resultado da conta de renda primária foi de - US\$ 11,9 bilhões para - US\$ 14,8 bilhões, todos no mesmo período.

Por outro lado, a captação líquida de recursos caiu sensivelmente, passando de

US\$ 4,9 bilhões nos primeiros 4 meses de 2016 para apenas US\$ 1,3 bilhão no mesmo período de 2017. Os investimentos diretos chegaram a aumentar no período, passando de US\$ 21,1 bilhões para US\$ 28,8 bilhões. Da mesma forma, os investimentos em carteira também aumentaram de - US\$ 5,4 bilhões para -US\$ 2,3 bilhões. Mas os outros investimentos caíram de -US\$ 11,8 bilhões para - US\$ 17,6 bilhões e a variação de ativos de reserva (que não se confunde com a variação de posição de reservas) sofreu queda de US\$ 8,4 bilhões, indicando que houve aumento de reservas.

TABELA 3

Balanco de pagamentos: principais contas (2016 e 2017)

(Em US\$ milhões)

Discriminação	2016		2017		Projeções em US\$ bilhões	Variação jan-abril 2016-jan-abril 2017
	Abr	Jan-abr	Abr	Jan-abr		
1. Transações correntes	412,5	-7.184,3	1.152,8	-3.499,9	-30,0	3.684,4
Balança comercial (bens)	4.627,9	12.394,4	6.742,4	20.554,2	51,0	8.159,8
Exportações ^{1/}	15.302,0	55.676,6	17.630,1	67.972,3	200,0	12.295,7
Importações ^{2/}	10.674,1	43.282,2	10.887,7	47.418,2	149,0	4.136,0
Serviços	-2.519,6	-8.732,0	-2.514,7	-9.888,0	-36,7	-1.155,9
Renda primária	-1.929,1	-11.833,1	-3.226,9	-14.819,5	-47,6	-2.986,4
Renda secundária	233,3	986,5	152,0	653,4	3,3	-333,1
2. Conta Capital e Financeira	41,7	4.926,0	-1.734,7	1.284,4	30,0	-3.641,6
Conta capital	1,1	88,6	11,1	131,6	0,4	43,0
Conta financeira ^{3/}	40,6	4.837,4	-1.745,8	1.152,8	29,6	-3.684,6
Investimentos diretos	5.644,8	21.099,3	5.508,0	28.756,0	61,0	7.656,7
Investimentos em carteira	1.020,0	-5.405,7	3.722,5	-2.348,8	...	3.056,9
Derivativos – ativos e passivos	299,8	341,3	88,2	77,7	...	-263,6
Outros investimentos	-3.546,7	-11.842,0	-6.627,5	-17.564,8	...	-5.722,8
Ativos de reserva	-3.377,4	644,4	-4.436,9	-7.767,3	10,5	-8.411,8
Erros e omissões	-454,1	2.258,3	581,9	2.215,5	-	-42,8
Memo:						
Transações correntes / PIB (%)					-1,45	
Investimento direto no país / PIB (%)					3,64	

1/ Exclui mercadorias deixando o território nacional sem mudança de proprietário. Inclui mercadorias entregues no território nacional (exportação ficta), encomendas postais, e outros ajustes

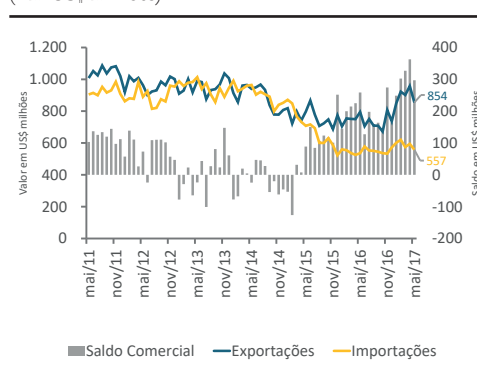
2/ Exclui mercadorias ingressando no território nacional sem mudança de proprietário. Inclui mercadorias entregues fora do território nacional (importação ficta), importação de energia elétrica sem cobertura cambial, encomendas postais e outros ajustes.

3/ Para contas de ativo e de passivo, + = aumento de estoque e - = redução de estoque. Conta financeira = -fluxos de investimentos ativos + fluxos de investimentos passivos.

Fonte: Banco Central do Brasil

A análise do saldo das contas externas deve ser complementada com o exame da conta denominada Hiato de Recursos, onde estão registradas apenas as operações que têm impacto cambial e o saldo corresponde às operações líquidas do setor não-bancário. Como é possível observar no Gráfico 8, nos últimos 3 meses, o hiato é positivo e crescente, o que vem resultando em aumento das reservas internacionais do Banco Central e aumento dos ativos externos dos bancos comerciais em proporções semelhantes. Isso indica que, apesar dos dados brutos da conta financeira, não tem havido dificuldade de obtenção de financiamento externo.

GRÁFICO 8
Hiato Financeiro 2014-2017
(Em US\$ milhões)



Fonte: BCB.
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea.

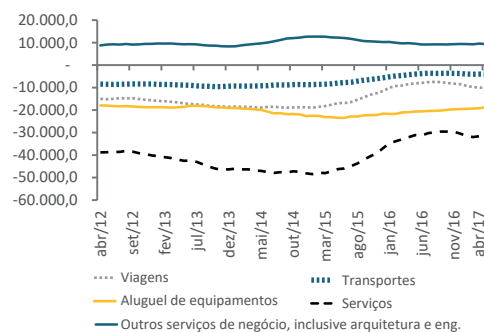
4 Conta de Serviços e Renda Primária



O déficit da conta de serviços aumentou ligeiramente nos últimos meses, após um longo período de forte redução, de acordo com o Gráfico 9. As contas de Outros Serviços e de Transportes vêm se mantendo relativamente estáveis. Certamente, a valorização cambial recente voltou a impulsionar as viagens de brasileiros ao exterior, aumentando o déficit da conta de Viagens Internacionais e mais do que compensando a redução do déficit de Aluguel de Equipamentos.

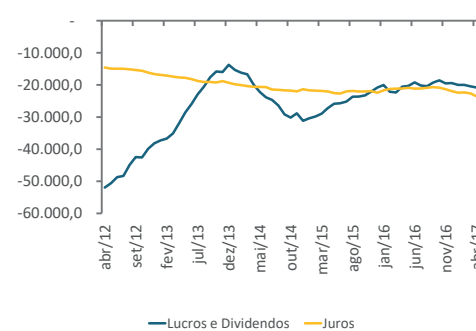
Os gastos líquidos com juros, no acumulado em 12 meses, estão aumentando desde setembro do ano passado, quando atingiram -US\$ 20,7 bilhões, para -US\$ 23,5 bilhões em abril deste ano, como se observa no Gráfico 10. Esse aumento é devido à elevação dos pagamentos líquidos de juros de operações intercompanhia, em razão do aumento expressivo do saldo devedor dessas operações, e dos juros líquidos sobre Outros Investimentos. Nota-se também um pequeno aumento nos pagamentos líquidos de lucros e dividendos, provavelmente em razão de as empresas estrangeiras estarem aproveitando a valorização do real para aumentar as remessas de lucros para suas matrizes.

GRÁFICO 9
Conta de serviços: valores acumulados em doze meses (2012-2017)
(Em US\$ milhões)



Fonte: BCB.
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea

GRÁFICO 10
Renda primária: juros, lucros e dividendos – valores acumulados em doze meses (2012-2017)
(Em US\$ milhões)



Fonte: BCB.
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea

5 Conta Financeira

Como é possível observar na Tabela 4, o ingresso líquido de Investimentos Diretos aumentou US\$ 7,7 bilhões no primeiro quadrimestre de 2017 com relação a idêntico período do ano passado, alcançando US\$ 28,8 bilhões. Este aumento resulta tanto de uma redução dos ativos (saída de recursos) quanto de elevação de passivos (entrada de recursos). Com relação aos Investimentos no Exterior, a principal alteração foi a redução das operações com participação de capital, que passaram de US\$ 3,0 bilhões para US\$ 0,9 bilhão no mesmo período. Muito provavelmente, isso está relacionado à redução de recursos disponíveis das empresas nacionais para realizar investimentos, seja no Brasil seja no exterior. De fato, os investimentos

externos no exterior, no acumulado em 12 meses, como se observa no Gráfico 4.11, caíram de um pico de US\$ 29,2 bilhões em janeiro de 2015 para apenas US\$ 5,9 bilhões em abril de 2017.

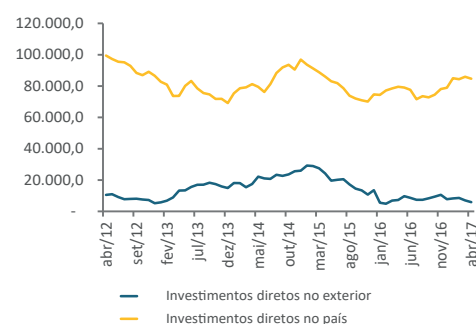
Por outro lado, os Investimentos Diretos no País passaram de US\$ 23,8 bilhões nos quatro primeiros meses de 2016 para US\$ 29,5 bilhões em igual período deste ano, devido, basicamente, às operações com participação de capital. Este fluxo foi bastante afetado pela recessão e pela perda de confiança na economia brasileira e caiu fortemente entre o final de 2014 e meados de 2016, quando voltou a se recuperar sistematicamente (ver Gráfico 11).

TABELA 4
Investimentos diretos
(Em US\$ milhões)

Discriminação	2016			2017		Variação jan-abril 2016-jan-abril 2017
	Abr	Jan-abr	Ano	Abr	Jan-abr	
Total	5644,8	21099,3	71115,0	5508,0	28756,0	7656,7
Ativos (no exterior)	1192,0	2670,1	7815,1	69,5	774,4	-1895,7
Participação no capital – total^{1/}	1155,5	3022,0	8040,4	88,6	867,3	-2154,7
Participação no capital, exceto lucros reinvestidos	1167,5	2883,5	6693,8	-39,3	400,1	-2483,4
Participação no capital – lucros reinvestidos no exterior	-12,0	138,5	1346,7	127,9	467,2	328,7
Operações intercompanhia	36,5	-351,9	-225,3	-19,2	-92,9	259,0
Créditos concedidos ao exterior	173,7	386,6	1287,3	25,7	288,6	-98,0
Amortizações recebidas do exterior	137,2	738,5	1512,6	44,9	381,6	-356,9
Passivos (no país)	6836,8	23769,4	78930,2	5577,4	29530,4	5761,0
Participação no capital – total^{1/}	4770,6	14634,1	54020,9	6936,5	22126,9	7492,8
Participação no capital, exceto lucros reinvestidos	4161,1	11220,9	44884,0	6554,5	20438,0	9217,1
Participação no capital – lucros reinvestidos no Brasil	609,4	3413,3	9136,9	382,0	1688,9	-1724,4
Operações intercompanhia	2066,3	9135,3	24909,2	-1359,1	7403,5	-1731,8
Créditos recebidos do exterior	4484,7	18143,4	63006,6	3667,0	22218,3	4074,9
Amortizações pagas ao exterior	2418,4	9008,2	38097,4	5026,0	14814,9	5806,7

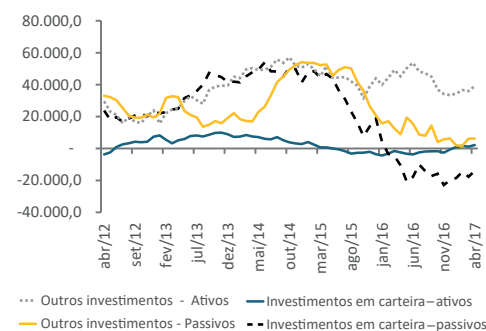
1/ Inclui, entre outras, transações em que o cotista residente no Brasil possui 10% ou mais do patrimônio líquido do fundo de investimento no exterior.
Fonte: Banco Central do Brasil

GRÁFICO 11
Investimentos Diretos no Exterior e no País – valores acumulados em doze meses (2012-2017)
(Em US\$ milhões)



Fonte: BCB.
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea.

GRÁFICO 12
Investimentos em Carteira e Outros Investimentos no Exterior e no País – valores acumulados em doze meses (2012-2017)
(Em US\$ milhões)



Fonte: BCB.
Elaboração: Gecon/Dimac/Ipea.

A saída líquida de investimentos em carteira também se reduziu nos primeiros quatro meses do ano, na comparação com igual período do ano passado, passando de US\$ 5,4 bilhões para US\$ 2,3 bilhões, de acordo com a Tabela 5. Na conta de ativos, a saída líquida de recursos elevou-se em US\$ 2,8 bilhões, devido basicamente à maior saída líquida de investimentos em ações e, principalmente, em fundos

de investimento. Na verdade, o aumento de aplicações em fundos de investimentos no exterior nesse período apenas recupera parcialmente uma forte queda ocorrida em 2015 e 2016. Já na conta de passivos, verifica-se uma substancial elevação na captação líquida, que passa de - US\$ 5,0 bilhões nos primeiros quatro meses de 2016 para US\$ 0,8 bilhão no mesmo período de 2017. Os investimentos em ações caíram fortemente no período, dando continuidade a uma queda que teve início em maio de 2015 e prossegue até hoje. Mas a grande alteração foi observada na captação de títulos de renda fixa negociados no mercado doméstico, que se elevou em US\$ 11,4 bilhões no período, em grande parte devido às operações realizadas em abril.

A saída líquida de Outros Investimentos, por sua vez, ampliou-se bastante nos primeiros quatro meses deste ano, na comparação com o mesmo período do ano passado. A saída de recursos na conta de ativos ampliou-se em US\$ 5,7 bilhões, basicamente em razão do aumento do item Créditos Comerciais e Adiantamentos (que havia caído fortemente no primeiro semestre de 2016). Na conta de passivos, praticamente não houve alteração, apenas uma troca de operações de curto prazo para de longo prazo.

Porém, examinando-se os dados numa perspectiva temporal um pouco maior, como é feito no Gráfico 12, verifica-se que, entre maio de 2015 e maio de 2016, houve uma redução extremamente forte nas contas de ativos (ingressos no país) tanto de Investimentos em Carteira quanto de Outros Investimentos e, a partir daí, a tendência de queda permaneceu, ainda que bastante atenuada.

TABELA 5
Investimentos em carteira
(Em US\$ milhões)

Discriminação	2016			2017		Variação jan-abril 2016-jan-abril 2017
	Abr	Jan-abr	Ano	Abr	Jan-abr	
Total	1020	-5406	-19216	3722	-2349	3057
Ativos	-358	382	-599	651	3160	2778
Investimentos em ações	-1211	-1024	-708	-32	-10	1014
Fundos de investimento ^{1/}	118	166	15	683	1983	1817
Títulos de renda fixa	735	1240	94	-1	1188	-53
Passivos	662	-5023	-19815	4373	811	5835
Investimentos em ações	1157	3616	6341	-505	-1439	-5055
Negociadas no mercado doméstico	1162	3701	6611	-896	-1804	-5505
Negociadas no mercado externo (<i>Depository Receipts</i>)	-5	-85	-270	391	365	450
Fundos de investimentos^{1/}	424	866	4245	122	399	-467
Títulos de renda fixa	-919	-9505	-30401	4757	1852	11357
Negociados no mercado doméstico ^{2/}	-125	-7195	-26664	4351	3235	10430
Negociados no mercado externo	-794	-2311	-3737	406	-1383	927

1/ Inclui transações em que o cotista residente no exterior possui menos de 10% do patrimônio líquido do fundo de investimento no Brasil.

2/ Inclui juros reinvestidos.

Fonte: Banco Central do Brasil

TABELA 6

Outros Investimentos

(Em US\$ milhões)

Discriminação	2016			2017		Variação jan-abril 2016-jan-abril 2017
	Abr	Jan-abr	Ano	Abr	Jan-abr	
Total	-3547	-11842	-27164	-6627	-17565	-5723
Ativos	4666	14876	33442	7784	20528	5651
Outras participações em capital	23	173	757	0	0	-173
Moeda e depósitos	2970	5503	-2494	5486	6443	940
Empréstimos	-27	627	825	-60	-235	-862
Créditos comerciais e adiantamentos	1825	8639	34538	2388	14209	5570
Outras contas a receber ^{1/}	-126	-65	-184	-31	111	177
Passivos	1119	3034	6278	1157	2963	-71
Outras participações em capital	0	0	0	0	0	0
Moeda e depósitos	996	1554	-381	-100	272	-1282
Empréstimos	-1931	-3567	-13139	-1374	-3933	-367
Curto prazo	-1551	8569	3839	101	-153	-8722
Longo prazo	-380	-12136	-16978	-1475	-3780	8356
Ingressos	5765	15457	39580	4972	17365	1908
Amortizações	6145	27592	56558	6447	21145	-6447
Créditos comerciais e adiantamentos	2051	5041	19767	2626	6615	1574
Outras contas a pagar ^{1/}	3	6	31	5	9	3
						0

1/ Inclui seguros, fundos de pensão e garantias.

2/ Inclui depósitos de organismos internacionais.

Fonte: Banco Central do Brasil



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Christian Vonbun
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Aurélio Alves de Mendonça
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Vinicius dos Santos Cerqueira
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Beatriz Cordeiro Araújo
Felipe dos Santos Martins
Luciana Pacheco Trindade Lacerda

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.